

ALVORADA

SEMANÁRIO REPUBLICANO

3.º Ano—N.º 136

Editor, Abel de Vasconcelos Cardozo

Director e proprietário, A. L. de Carvalho

S. da R., Capitão L. A. Pina Guimarães

Redacção e administração, Rua da Republica

Guimarães, 26 de Junho de 1913

Comp. e impressão, Tip. Minerva Vimaranesse

A nossa policia

Depois da razia que, dum modo eficaz, limpou a corporação da Policia Civil desta cidade, desde logo se pensou em seleccionar os seus elementos, pondo a chefia-los alguem que, não só fizesse a disciplina na corporação, como melhorasse os serviços de policiamento cittadino.

Não está ainda preenchido o número de guardas, conforme se nota dum edital adiante publicado, nem tampouco se sabe, à data, quem seja a pessoa escolhida para o lugar de chefe, que será remunerado com 800 réis diários. Completo isto, todavia, não se dirá que a corporação policial logo atinja o seu verdadeiro papel de reguladora da ordem... e segurança das capoeiras, visto que um policia, para que verdadeiramente o seja, carece antes de mais nada dum aprendizado—aprendizado que, sendo importante, não se fará com o simples exercicio profissional do giro regulamentar. Há mais alguma coisa que um guarda precisa de aprender para que o seu papel nas relações com os cidadãos resulte útil e proveitoso.

Em primeiro lugar convirá dar prestigio e dar força à autoridade desses—quando intelligentes e honestos—simpáticos manantadores. Para isso tem de se acabar com a interferência do empenho cego, —do empenho que não olha, não vê, não quer saber das relações do guarda com o facto, quebrando assim a noção da responsabilidade e do brio que ainda a mais modesta autoridade carece de inteiramente conservar.

Além disto, que muito conviria ver observado, mais devem os particulares contribuir, pelo exemplo e até pelo auxilio, para que um policia no serviço não seja, como tantas vezes se vê, desrespeitado e grosseiramente desatendido. Desta maneira contribuiremos, nós todos, se não para educar e fazer um policia, ao menos —e isso é muito—para dar força, dar prestigio, dar, em suma, autoridade à Policia.

Em segundo lugar, é indispensavel dar aos guardas civis da Policia mais do que uma

farda e um característico instrumento denominado—*chanfalho*. Uma qualidade é mister insuflar-lhes: acção rapida e enérgica, sem excluir prudência, moderação. Como se consegue isto? Tirocinando no serviço? E' pouco. Para se fazer um guarda policial é necessário mais alguma coisa.

Sendo condição de admisión que todos os membros dessa corporação de policia saibam ler e saibam escrever, urge que eles aprendam a interpretar o «Regulamento Policial» onde se estatue, em artigos e parágrafos, os seus deveres e obrigações de serviço; que estude e assimile o «Código de Posturas Municipais»; que, em resumo, leia, nas horas do seu lazer, esse *breveário* de Felix Pereira que empresta noções de civilidade.

Atendendo, porém, ao velho hábito policial de, em regra, cada um que ali entra só aprender o que é mau, vicioso e degradante, excelente seria que para combater a ignorância e a maldade adquiridas na esquadra, se organizasse, lá dentro, uma escola de aprendizagem onde se lhes ministrasse por lições e problêmas, mais práticos que teóricos, aquilo que um policia não deve desconhecer. Este exercicio que está naturalmente indicado ás funções do chefe, produziria, senão policias ideais e superiores, como o *policeman* inglês, por exemplo, pelo menos alcançaria esta vantagem muito para apreciar e mais para louvar: —a de reunir um núcleo do policia menos boçais e menos inuteis à terra que os sustenta. Mas voltaremos ao assunto.

Mater pulchra filia pulchrior

Entraram na conversa a filha e a mãe.
A mãe era bonita. A filha era-o também.
—Esta senhora é sua irmã?
Disse eu interrogando a mãe.
E a mãe teve um sorriso de contente
E a filha um sorrisinho de quezília...
—Que coisa comovente
E' o amor de família!...

Augusto Gil.

MAIS UMA VEZ

Portugueses no Brasil

Assim como ainda por terras brasileiras existem maus e degenerados portugueses que mantem jornais onde fazem a mais descaroadada e nojenta propaganda contra a República Portuguesa—temos presentes aqui alguns números com prosa do «Machadinho das medalhas»—outros há que honram a colônia contrapondo a essa acção deletéria e preversa a mais calorosa, entusiástica e patriótica defesa do regimen republicano.

De Santos, por exemplo, dedicado amigo e patricio nosso nos envia noticias descritivas duma festa realisada no centro Republicano Português, daquelle estado,—festa onde o nome do nosso país e a idea republicana, que elle hoje consubstancia, ali foram amorosamente acarinhados, com aquela affectuosidade que a nostalgia da Pátria sempre inspira e desperta a quem sabe amar e querer a sua terra.

Para estes que não teem, como tantos outros parecem ter, joanetes na própria alma—na frase pitoresca do médico Laranjeira—; para estes que tanto como nós alevantam e exalçam, sem facciosismo mas com fé, a idea dum Portugal novo resgatado e feliz,—para estes o nosso ao seu coração envia a mais entusiástica e querida saudação.

ECOS

Alfredo Guimarães

Tendo-se realisado no Salão do Conservatório, em Lisboa, um sarau com um programa selectissimo onde os nossos melhores músicos e poetas colaboraram, com prazer vimos que este nosso presado conterrâneo também ali viu cantados versos da sua fina inspiração artistica consagrados com os titulos: *Rolas adormecidas* e *Para o mar*.

Receba Alfredo Guimarães os nossos parabens.

Situação financeira

Da leitura feita no parlamento, e no senado, pelo illustre ministro das finanças e chefe do governo sr. dr. Afonso Costa, ficou o país sabendo que a situação financeira do Estado tem melhorado dum modo sensivel e prometedor.

O «Dia» não acredita nestes diagnósticos da administração republicana; a «República» suspeita da lialdade das declarações feitas pelo ministro das finanças e chefe do governo.

Nós acreditamos... porque esse homem—está provado—é grande, é superior em qualquer pasta que dirija na governação pública.

Está certo

A contribuição industrial que ameaçava o operariado, desapareceu. Justo é que o mesmo suceda com a taxa sobre a luz electrica—porque se o povo pode e deve confiar na boa applicação das receitas do Estado, nem por isso elle pode ou deve pagar mais.

CARTAS LITERARIAS

Arte de fazer uma cascata ao S. João

(MEMÓRIAS)

Quinze dias antes da festa compra-se uma folha de papel para cartuxos, das Caldas de Vizela, e, dobrado em quatro linguados, faz-se com ella o rol dos que dão para a cascata:

Das pessoas que podem contar-se como certas no rol, temos:

1.º—O visinho sapateiro, que dá 30 réis, e dobrará a parada se a cascata tiver repuxo.

2.º—O official de barbeiro, que generosamente promete 100 réis, e que prega sempre o calote.

3.º—Um senhoras visinhas, que dão meio tostão e emprestam uns parrécos de porcelana que teem no tocador; e ainda uns pastores do presépio; e ainda umas grisetas vasias, que fazem conta económica.

4.º—O mercieiro da familia, que empresta uns caixotes da esterina e dá fogo, se a cascata tiver iluminação.

5.º—E, por último a familia, que principia por dar... uma tarefa nos filhos que se metem em festas dessa ordem, mas que vai tomando interesse por ellas, discutindo-as, primeiro com as visinhas, depois pedindo noticias sobre o peditório e criticando o programa, e, finalmente, na noite da festa, para que os filhos não façam fraca figura, dá algum dinheiro para fogo e acaba por se sentir satisfeita.

Poucos dias antes da festa faz-se a compra de alguns pastores de barro, num louceiro, entre os quais é necessário estarem: um pescador de carapuça verde e calças arregaçadas, na mão do qual se possa meter uma palheira, obrigando-o a pescar; um padre de barrete e sobrepele, para estar à porta duma igreja de cartão; um velhote de aldeia, com opa vermelha de irmão do Santissimo, que servirá para ficar ao lado da capela supracitada, no espinhoso officio de tanger as sinetas; alguns pastores, com ovelhas atravessadas no costado; uma padeira de Avintes, com o seu chapelinho de borlas; uma leiteira do Minho, com a cantarinha de lata; um S. Pedro, com as chaves de prata na mão, e vários cordeiros, cabras, etc.

Estas figuras de barro, embora algumas sejam de diferente especie zoológica e classe social—todas se chamam «pastores».

E, uma vez comprados os pastores, vai-se à casa do latoeiro para encomendar o chafariz; e a casa dum amigo, para pedir emprestada uma pipa que sirva de depósito da água de repuxo. Na véspera de S. João «vai o preto a nadar»—diz a cantiga.

Mas aqui não há pretos que nadam; há brancos que não dormem.

A' meia noite vai-se à «Fonte Santa» cortar os ramalhos, arrancar o musgo das rochas e cortar a hera dos muros. Feita uma cama sobre os ramalhos, musgo e hera, deitam-se ali. E depois, há que tomar os troncos ao ombro e vir arrastando aquilo tudo por ali fora—mas um pouco depressa, por causa dos lavradores e dos relativos cães.

E principia-se a cascata.

Primeiro coloca-se a barreira ao centro do local onde ella há-de ficar. Em seguida martelam-se as táboas de pinho que hão de equilibrar a pequena montanha. Dos lados da barreira erguem-se os ramalhos; pelo escadório acima vai-se formando o tapete de musgo; em redor da cascata faz-se um roda-pé de heras; e uma vez tudo acolchoado—o que ainda leva boas horas de canceira, custa alguns ralhos e resulta alguns sopapos, entre o tesoureiro e o juiz—começa-se a promonoriar nos elementos decorativos: uma porção de areia, lentamente espalhada, forma um caminho, pelo qual sobem pastores; uma bacia branca, de lavar a cara, pôde servir de lago, e ali fica o pescador; a certa altura, numa especie de largo, ficam dois cerradores de madeira, que se mechem, atraz, por um cordel; ao alto, do lado direito, fica o padre à porta da igreja, e o irmão mesário do lado, com o cordel na mão; no lago de que falamos nadam uns parrecos de porcelana que as senhoras visinhas emprestarem, com a obrigação de se não estragarem; a padeira de Avintes pára a meio do caminho, a tomar ar, porque sofre do felato; e a leiteira, como outras mais, fica a apregoar em qualquer sitio.

O que resta fazer?

Pouco. Nos ramalhos põe-se os balões venezianos; enche-se a barreira de água; durante o dia derrete-se o cebo comprado na fábrica dos Abreus, enchem-se as grisetas que hão-de arder nos copos de papel; uma bogalha de carvalho gira no repuxo, e um mesário pede então para o S. Joãozinho—que fica no centro, ao alto da cascata, de bandeira, concha e cordeiro aos pés.

Estas são as memórias de um antigo mesário das cascatas ao S. João e que aqui as reproduz para instrução dos vindouros.

Alfredo Guimarães.

«Alma Nacional»,

Pessoa que muito deseja completar a colecção desta revista, compra e agradece o n.º 4 da mesma. Nesta redacção se recebe.

Transmigração

Afinal, isto das nossas mulheres, especialmente as minhotas, todas se derreterem pelo seu que-

A "ronda,, da Lapinha (1)

"Para que não dê o bicho no milho,,

rido D. Manuelinho, usando muitas a sua efigie em medalhinhas, é pecha que já vem de traz, quando as trovas populares endeusavam o rei absoluto.

Uma, por exemplo:

D. Miguel é delgadinho,
Bonitinho e bem feito,
Prometeu aos realistas
Uma venera p'ro peito.

Em Braga, onde as mulheres estavam completamente fanatizadas pelo senhor D. Miguel, «a personificação viva de todo o poder terreno, emanado do poder divino», as medalhas e os anéis que se vendiam com o lindo retrato do galanteador príncipe, eram por elas cobertos de beijos, e nos campos ou nas ruas ostentavam lenços encarnados da cor miguelista:

Se fores a Braga,
Traz-me uma fita
Que seja vermelha,
Que seja rialista,

e cantavam trovas perfumadas.

O alecrim é verde,
A rosa tem cheiro:
Viva D. Miguel,
D. Miguel primeiro!

E toda a penas das mulheres do Minho era não serem soldados, não serem granadeiros,

Para defender
D. Miguel primeiro.

Tal qual o que se dá com o querido reisinho... oitenta anos mais tarde.

GIL VICENTE POETA E GIL VICENTE OURIVES

Dizia Jerónimo de Almeida, no passado número deste jornal, estranhar que eu não concordasse com as suas razões na afirmação que fizera de que, Gil Vicente poeta e Gil Vicente ourives, eram uma e a mesma pessoa.

«O meu espanto em êle se espantar é certamente maior...» que a sua ingenuidade em assuntos desta natureza, pois que a minha persistente teimosia resulta, como vai ver-se, do conhecimento de factos de alta importância, os quais e ainda neste momento se desdobram nesta imensa vontade de rir que tenho ao principiar a carta que logo enviarei à «Alvorada».

Todavia o artigo de Jerónimo de Almeida, devo confessá-lo, é delicado. Nem outra coisa se poderia esperar do amável poeta das «Flores de Neve», uma das mais vivas esperanças da nossa terra. Farei, portanto, tudo quanto em minhas fracas forças caiba para corresponder, de todo o ponto, à generosidade de que usou para comigo.

Devo dizer a Jerónimo de Almeida que, em assuntos desta natureza não há que estranhar a coragem de quem trabalha, mas, sim a ingenuidade e, simultaneamente, a interferência ocasional de quem ignora. Novo ou velho que se principie, o que é mister é principiar a estudar, e estudar a valer, com necessidade íntima, com carinho profundo e sem desfalecimentos. Ler apenas um catálogo, passar os olhos numa página para matar uma pressa, ouvir uma conversa, tomar aqui e acolá umas notas—que outras notas ignoradas podem, por sua vez, esmagar—a isso pode chamar-se recreio, mas nunca se poderá chamar estudo!

Para estudar é necessário ser, um tanto ou quanto cenobita. Estudar como se deve estudar significa, até certo ponto, abdicar da folga de quasi todas as distrações supérfluas, da quasi totalidade das obrigações do protocolo social; estudar é dar de mão às companhias inúteis e viciadas, e é, enfim, viver connosco próprios no-

venta e nove por cento das horas da nossa vida—o que tudo, visto em conjunto, significa, severa e amarguradamente, vida áspera de monge negro.

Foi assim que os seus cabelos brancos e sem que tivessem, ainda, a tez enrugada pelo estudo—principiaram a estudar Alexandre Herculano, Inocêncio da Silva, Estácio da Veiga, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Martins Sarmiento, Souza Viterbo, Brito Rebelo, Pinheiro Chagas, Ricardo Severo, Rocha Peixoto e outros—porque (salvo se a lógica me desamparou) toda a gente principia... por principiar.

O imposto, em Roma—segundo o Dr. Assis—é que principiou por não existir.

Agora o mal é nunca ter principiado. E vem-me agora à lembrança uma bela página satírica de Boileau, na qual se estabelece, entre os críticos de recteio e os patos mansos, nas águas doces, o seguinte paralelo: rodam sobre si mesmos, nunca principiam nem acabaram o que o extinto lhes lembrou, e, em geral, bebem nas águas alheias para se enganarem e divertirem estranhos...

O auctor de *La Lutrin Vivant* polvilhou as suas considerações de uma graça que eu, infelizmente, não sei transportar. Mas deixemos Boileau com a sua sátira e entremos, por último, nas razões que determinaram esta carta ligeira.

Jerónimo de Almeida, tendo apresentado a soma dos seus conhecimentos, diz:

Não há portanto que me achar atrasado no conhecimento da documentação histórica... etc.

Engana-se Jerónimo de Almeida. Há razões. E, para prova, elas aí vão:

Refere-se o Jerónimo a uma opinião de Mendes dos Remedios, que apreciava:

«Pode dizer-se que, à hora actual, tudo milita em favor da opinião que unifica os dois artistas, o da pena e o do cinzel, numa mesma personagem.»

Quer contra prova? Aí vai: o mesmo sr. Mendes dos Remedios, numa «Nota preliminar» à sua recentíssima edição das Obras de Gil Vicente, impressas na Universidade de Coimbra, referindo a várias notas do *Corpo Cronológico* e estabelecendo, com elas, os documentos publicados por Sousa Viterbo no «Instituto» e num paralelo frizante, conclue afirmando que... «nos não podem restar dúvidas acerca da afirmação...» de que Gil Vicente ourives «... é não só um outro indivíduo, mas também «... muito mais velho que o poeta dos autos.»

Eis a 1.ª prova.

Brito Rebelo serve também ao Jerónimo de Almeida para provar que há dúvidas. Mas, depois da afirmativa de que Gil Vicente ourives e Gil Vicente poeta era o mesmo, (dando de barato que Brito Rebelo tivesse feito tal afirmação), não é verdade que o autor da *Ementa Histórica* diga no seu último volume que o documento reproduzido pela gravura, entre páginas 12 e 13, nos veio provar que, acerca de ourives e poeta, se trata de «... dois indivíduos?»

¿E' ou não isso que se lê a linha 19 da página 12?

E' essa, portanto, a 2.ª prova. E agora o resto:

Há na última comunicação à Academia das Ciências de Lisboa, publicada no *Diário de Notícias* logo em seguida à sua leitura, o sr. Anselmo Bramcamp Freire é de opinião: 1.ª—que Gil Vicente, ourives, era irmão de Martins Vicente, ourives de Guimarães, e de Melícia Rodrigues, a companheira do lavrante da Rainha, em Lisboa; 2.ª—que Gil Vicente, poeta, «... o genial iniciador do Teatro Português...», não era mais que «... um filho de Martins Vicente...» etc.

E' esta a terceira e última prova.

Que significava, pois, o que eu —por uma questão de boa vontade— aqui me apreeci a emendar, no penúltimo número da «Alvorada»?

Significava somente que Jerónimo de Almeida vinha muito atrasado no seu vicentino caminho.

Não tinha o Jerónimo, pois, «... razão para se espantar do meu espanto».

Lisboa, 22 de Junho de 1913.

Alfredo Guimarães.

Sociedade Protectora dos Animais

Por esta humanitária colectividade foi feito o seguinte apelo ao sr. administrador do concelho de Guimarães:

Constando à direcção da Sociedade Protectora dos Animais, de Guimarães, que vão ter lugar dois torneios aos pombos, em nesta cidade e outro na povoação das Caldas das Taipas, vem mui respeitosamente protestar perante v. ex.ª contra tal facto.

Não tem esta Sociedade o intuito de manifestar desagrado pelos jogos de sport e outros de educação física, que tão precisos e úteis são para o rejuvenescimento e avigoramento da nossa nacionalidade, muito pelo contrário; o nosso protesto visa, sim, à forma de execução de tais jogos que sacrificam cruelmente pobres avesinhas inofensivas, constituindo um prazer matá-las quando se libram, no espaço, em busca da apetecida liberdade.

¿Não será mais humano, e sem prejuizo da pericia desportiva, o substituir as pobres voláteis por objectos materiais, com trajectórias várias?

Se tal se poder realizar, a sociedade que o ponha em prática, terá jús à nossa maior gratidão.

Assim o esperamos, fiados na alta cultura intelectual, e caridosos sentimentos que distinguem as Sociedades desportivas.

Saúde e Fraternidade.

Guimarães, 25 de Maio de 1913.

O presidente, (a) António Emilio de Quadro Flores.

Deliberações camarárias

A Câmara Municipal, na sua sessão de 11 de Junho, aprovou as seguintes deliberações:

O projecto e orçamento para a obra de reparação e melhoramento do caminho público desde o lugar do Paço de Além ao lugar da Seara, da freguesia de Lordele, orçada na quantia de 98.950 réis.

—A liquidação da obra de construção dum barracão para desenhos mecânicos na Cerca onde se acha instalado o Internato Municipal adjunto ao Liceu.

—Fazer a aquisição dum marco fontenário para bebedouro dos animais, o qual será colocado no sítio que oportunamente determinar.

—Usar dos meios competentes para reivindicar o terreno, sito no cemitério público municipal, onde se acha construído o jazigo designado pelo número cento e cinco, ou haver o seu valor conforme a respectiva tabela de taxas adjunta ao respectivo regulamento.

—Foram assinadas pela Câmara quarenta obrigações do valor de 100.000 réis cada uma, designadas pelos números 107 e 146 inclusive, da série última do empréstimo de 92.500.000 réis custeado pela receita geral, as quais ficam lançadas no livro respectivo.

Nas «Origens Poéticas do Cristianismo», de Teófilo Braga, e ainda no «Génio do Cristianismo», de Chateaubriand, algumas páginas se gastam descrevendo essas manifestações de culto externo chamadas clamores, instituídas por votos de fé que imploram «o afastamento de epidemias e a abundância dos frutos da terra».

No livro do erudito Abade de Tagilde—«Guimarães e Santa Maria»—vê-se que entre nós o velho uso católico tinha lugar procissional nas freguesias da Oliveira, Urgezes, Briteiros, Azurei, etc., até que o Ordinário houve por bem conceder que êsses clamores ou ladainhas públicas se celebrassem nas respectivas igrejas paroquiais. De todos os clamores, porém, o mais importante, aquele que revestindo mais solenidade se tornava ao mesmo tempo «o mais singular e característico» era—a ronda da Lapinha.

Há dois anos ainda que a ronda da Lapinha veio a esta cidade: um incidente, todavia, de ordem pública provocado pela reacção—que entendeu dever aproveitar a visita da Senhora-à-Vila—para fazer uma acintosa especulação, por maneira ostentosa e ridícula, fez com que a autoridade a houvesse de proibir, cortando-se, dessa maneira, o fio duma tradição que vinha de 1663.

A despeito desta justificada deliberação a mesma ronda não ficou impedida, ainda assim, de realizar-se,—tanto que a mesma teve lugar, no domingo passado, só com a diferença de, em vez de descer da montanha à cidade e demorar algumas horas na Colegiada, subir da Lapinha à Penha... abençoando a santa serana, lá do alto, os vales e as cam-

(1) O illustre Abade de Tagilde diz que, segundo uma lenda, provém a denominação da Lapinha por ter sido encontrada a primeira imagem da Senhora em uma Lapa. Teixeira Eastos nos seus «Estudos de Sociologia» vol. II, deixa ver que o catolicismo não podendo vencer a tradição popular sobre o culto das pedras—um culto antiquíssimo de que se encontram em diversos museus muitos vestígios—a aproveitou mudando-lhe a interpretação. Assim, pois, a denominação de Senhora da Lapinha, Senhora da Lapa, Bom Jesus da Pedra, Senhora da Pedra, Senhora da Rocha, Senhora da Penha, Senhora do Pilar, etc., pertencem—sem prejuizo de qualquer lenda poética e cristã—a uma idolatria pagã, ou seja, as religiões sucedendo-se sob a forma prática dum espirito o conservador.

pinas que a circundam. Os milhares de fiéis devotos que a êste clamor acorrem, na fé de que depois da procissional visita da Senhora «o bicho não mais bole no milho», bem decerto ficaram satisfeitos com a mudança do itinerário,—tanto mais que a vila conquistou foros de cidade e uma cidade, por muito católica que pareça, sempre está sujeita ao ateísmo da civilização...

Na verdade é na pureza ingênita das montanhas ou na paz bucólica da aldeia que o espectáculo dessas procissões—procissões onde se entoam, em voz plangente de tristeza e de esperança as ladainhas dos Santos, as ladainhas maiores do ritual católico—na verdade, dizíamos, só aí o espectáculo enquadra, ganhando brilho, poder emotivo, curiosidade, beleza poética e até mesmo união religiosa. O septicismo do século ungiu as grandes massas cidadinas, convencendo-as de que só pelo esforço comum da Ciência e do Trabalho os milagres se tornam positivos e reais sobre a Terra.

Ali, na paz forte e impressionista da montanha onde o recorte da paisagem e a amplidão do espaço, sem fim, se casam em ergástulo surpreendentemente magestático e divino; ali onde olhos contemplativos fixam e creem o céu mais perto, como no fundo do vale sonham ver a humanidade imersa no fundo dum abismo,—ali, dizíamos, o andar pesado e rico de lantejoulas que moções espaduados carregam, por devoção; os guiões levantados com ufania; as cruces de prata de mil freguesias distantes; as opas; as mortalhas; os metais da música; as cantaras da «água fresca», a policromia dos trajos, o psalmodear das ladainhas, inclusive a harmonia infernal da *Zé p'reirada*, tudo ao sol alto e ardente rebrilha e toma carácter, a modo duma grande fita cinematográfica, que se arrasta coeleante, cheia de fé, de pó e de suor...

Por esta forma, concluímos, não só a população campesina e devota devia ficar contente, como por igual se salvou o negócio, a literatura... e mais os sagrados principios.

Desta vez, ao menos, fiéis e infieis, todos bemdirão o tino, a prudência e o gosto da República.

Ou não?!...

Jornal para todos

Quem precise levantar a voz para uma reclamação, afirmar um direito, dar um alvitro, só tem que dirigir-se, de cara descoberta, a esta secção, que é um jornal para todos. Vamos: enviem-nos a sua prosa, seja como for—contanto que nela se defenda um principio justo, razoavel, humano, atendivel.

O fornecimento de medicamentos no Hospital militar, desta cidade

Presado am.º sr. director—Não obstante ter-me já ocupado do assunto no *Controlé Popular do Século*, julgo, no entanto, que não será de mais que o seu jornal ao caso se refira.

O ano passado foram postos em arrematação os medicamentos para os doentes do hospital militar, sob a base de licitação para cada doente, de 8 cent., sendo adjudicada a arrematação ao farmacêutico Alves Mendes por 4 1/2 cent. Acontece, porém, que quem superintende naquêlê estabelecimento de saúde satisfaz aquêlê fornecedor o pagamento, não a 4 1/2 cent., conforme a ar-

rematação, por cada doente, mas sim a 8 cent. Vê-se claramente a protecção dispensada aquêlê farmacêutico, que vai ferir, nos seus interesses, não só os concorrentes aquêlê praça, como também o Estado.

Deixo à sua apreciação os comentários que a arbitrariedade mereçe.

Leitor assíduo.

N. da R. — Se êste jornal tivesse de julgar pela simples acusação que a carta encerra, não tínhamos dúvida em considerar o facto como um abuso digno de prémio. Revelações, porém, de tal ordem, carecem de mais prova; e, se nós não exitamos em acreditar na lialidade da pessoa que se nos dirige—pois decerto se não devia ter determinado por meras suspeitas, o que seria pouco correcto—não temos todavia na mão os fundamentos para acusar, razão porque nos limitamos a... registar o reparo.

O passeio da Avenida Velha

Sr. Redactor—Se o seu jornal podesse contribuir para que as obras públicas, — creio que é da alçada das obras públicas—mandasse reparar, com um pouco de cimento, a entrada, lado direito, do passeio da Avenida Miguel Bombarda, muito favor me fazia com isso, pois que, habitando na mesma, sou obrigado a passar ali diversas vezes ao dia — o que se torna insuportável em dias de chuva, visto que não há ali um... barco para serviço dos que por ali navegam. E, embora se trate dum concerto de interesse geral, eu não ponho dúvida em oferecer uma barrica de cimento para ajuda do mesmo—sem desdouro, já se vê, para os brios da pública administração.

De v. etc.

Um assinante.

N. da R.—Achamos justissimo o desejo que o nosso presado assinante nos dirige. O referido passeio está efectivamente pedindo um concerto, se não no todo, ao menos, aquêlê pedaço da entrada, pois que com as chuvas se transforma em chiqueiro, usando até o público collocar nêlê umas pedras à laia de passadiço em caminho rural.

A Vertigem das motos

Amigo e sr. Redactor: — Por certo tem visto aqui, a rua da República, muitas vezes transformada em velodromo de corridas, e, sendo assim, bem decerto terá compreendido os inconvenientes de um tal espectáculo. Seria, por consequência, acertado recomendar à policia para esta, por sua vez, fazer moderar a loucura dessas voltas insistentes e repetidas, feitas, de mais a mais, por distracção de ócios de moços que se divertem.

Muito favor me fazia chamar a atenção da autoridade para isto, pois na eminência de qualquer desastre mais vale prevenir que remediar.

Am.º e visinho,

A. J. P.

Folhetos pedindo orações

Ilustre cidadão: — Junto envio um pequeno panfleto biato que talvez mereça alguns comentários.

Na casa onde encontrei êsse papel há mais de 200 exemplares.

M. T.

N. da R.—Não desconhecemos êsse género de propaganda, mais jesuitica que catolica, mais produto da asneira que resultado da fé. Quem faz essa sementeira são pobres criaturas a quem, em regra, o confessor recomendou, como penitência, que os mandasse imprimir, distribuir, e pagar à sua custa. De resto se não se tratasse, em alguns desses folhetos, de atingir a República indicando-a como perseguidora da Igreja, etc., nem ao menos valia a pena gastar cera com tal género... de literatura.

Calcule-se: Temos na nossa colecção um desses folhetos que se chama — «Farmácia do Santissimo Lado»...

BRIOS ACADÉMICOS

Sr. Redactor—Peço-lhe a publicação da seguinte carta:

Estreanei, verdadeiramente, que o sr. Mário Vieira viesse para as colunas do «Primeiro de Janeiro» fazer afirmações que carecem de fundamento e que, embora involuntariamente, vieram ofender a Academia Vimaranesense.

O estado do meu camarada Manuel Marques pinta-o o sr. Mário Vieira com umas côres falsissimas que, dando-lhe um aspecto sinistro e comovente, são o bastante para lançar a desesperança no coração do meu querido camarada.

Embora pobre, sem meios que o possam sustentar, ao Manuel Marques ainda lhe não faltou nada porque as bolsas, embora pou-

co abastadas dos seus colegas, teem-lhe levado o suficiente para que a asa negra da Fome não roce pelo humilde lar do desventurado môço. E se a doença o poquentar, por longo tempo, e os estudantes não puderem estar a dispender dinheiro, continuamente, ainda temos no nosso liceu a simpática instituição de caridade — a Caixa Filantrópica—cujo fundo, embora modesto, ainda dá para sustentar o Manuel Marques.

Julgou, decerto, que ainda o não tínhamos socorrido, só porque nenhum de nós quando depõe nas mãos do infeliz tuberculoso a rosa perfumada da mais sublime virtude — a esmola — não o manda dizer para as colunas dos diários para que lhe passem um diploma de benemerito. Dito isto deve compreender o sr. Mário que nós não precisamos de andar pelas ruas nem pelos cafés com peditório para socorrer um estudante pobre. Ainda sabemos, por enquanto, evitar com brio próprio essa ostentação — nem sempre de bôa caridade.

E nada mais.

O estudante,

Leão Martins.

Um acto bom

José Joaquim da Cruz (o contraste), encontrando-se velho e doente, sem recursos e sem amparo, aceita, com o maior reconhecimento, qualquer auxílio que as almas magnánimas e boas lhe queiram oferecer.

A quem porventura isto leia e queira praticar um acto bom, um acto da mais alta caridade cristã, pode fazê-lo ou por intermédio deste jornal ou directamente—Rua de S. Dámaso (Traz do Muro).

Horário dos combóios

Na nossa 4.ª página continuamos a publicar, devidamente rectificado, o horário dos caminhos de ferro de Guimarães.

REPORTAGEM

Grande Romaria de S. Torquato

E' nos próximos dias 5 e 6 de Julho que se realisa a Grande Romaria de S. Torquato, uma das mais importantes romarias do Minho, cujo programa é o seguinte:

Dia 5 — Solemnidade religiosa com sermão, arraial diurno e nocturno com variadas manifestações festivas, músicas, fogo de artifício, etc.

Dia 6 — A's 8 horas, missa campal. A's 10, missa cantada a grande instrumental e sermão. A's 17, procissão. A' noite as mesmas manifestações do dia anterior, fazendo-se ouvir no arraial 10 bandas de música.

Incêndios

Manifestou-se ante ontem, pelas 23 horas, um violento incêndio em casa dum caseiro do sr. dr. Domingues de Araujo, sendo os prejuizos calculados em réis 200000. Estava no seguro.

No local do sinistro compareceram rapidamente os bombeiros voluntários com o respectivo material, sendo extinto o incêndio, algumas horas depois.

Também ontem, pelas 14 horas, manifestou-se um grande incêndio na freguesia de Silvéres, deste concelho, ardendo uma casa e uns apêndres, sendo os prejuizos importantes.

Defeso da pesca

Por mais do que uma vez se tem chamado a atenção dos contraventores do Regulamento Aquícola, aprovado por decreto de 20 de Abril de 1893, ainda em vigor, mas, infelizmente, com bem pouco resultado.

Pela última vez, se volta a chamar a atenção dos interessádos para as disposições principais do mesmo regulamento, que a seguir reproduzimos, visto serem poucos aqueles que o respeitam, os empregados da fiscalização obrigando a chamá-los à responsabilidade por infracção ao referido decreto, que regula o defeso da pesca.

1.º—O defeso da pesca começa em 1 de Março e termina em 30 de Junho, 4 meses consecutivos de defeso.

2.º—E' proibido a pesca de toda a qualidade de peixes, excepto a truta, no rio Ave e seus afluentes.

3.º—Nas épocas de defeso são prohibidos todos os sistemas de pesca, incluindo a linha flutuante de mão, o transporte e comércio das espécies compreendidas no defeso.

4.º—A pesca só é permitida de sol a sol, isto em todos os tempos.

5.º—Os proprietários dos engenhos de pesca são obrigados a lançarem às correntes as espécies que os mesmos caçarem e que estejam compreendidas no defeso; e, quando assim o não façam, serão multados e autoados.

6.º—Também é expressamente prohibido o lançamento de quaisquer matérias químicas ou liquidos cuja composição venenosa possa prejudicar a criação dos rios.

7.º—As multas a impôr pelas transgressões acima citadas, além das penalidades da lei a que ficam sujeitos, serão de um a cinquenta escudos.

8.º—Todos os transgressôres que fizerem uso da dinamite lançada junta das margens, valados, mutachões, açudes, rios, etc., serão punidos, além da respectiva multa e pagamento dos danos e prejuizos causados, com a prisão de um a seis meses e custas do processo.

O Guarda-rios da 1.ª Direcção,

Manuel António dos Santos.

Manual do Viajante

Está muito adeantada a 4.ª edição deste interessante livro, do qual as edições anteriores se teem exgotado com uma rapidez notável no nosso mercado. Esta edição será em português, e não se pode mesmo empregar a respeito dela a palavra consagrada: «inteiramente revista», porque o livro é completamente refundido e completado, tendo o seu autor, o nosso estimado colega *Mendonça e Costa*, dedicado à mais minuciosa averiguação histórica, topográfica e panorâmica de todo o país, de forma a que o «Manual do Viajante» seja um completo repostório de tudo que interessa a quem viaja e mesmo aos que queiram saber qualquer detalhe sobre todo o país.

Todas as cidades e vilas, cabeças de concelho, todos os lugares ainda os mais modestos que tenham algo de interessante, todas as águas minerais, todas as curiosidades figuram no «Manual» que, além disso, trará excelentes mapas do país, plantas das cidades e dos seus arredores, a côres, dos principais museus e dos conventos de Tomar e Batalha, etc. Conterá também uma pequena secção de anúncios.

E' um trabalho completo que representa um bom serviço ao país.

A edição do «Manual» estará pronta no meado de Junho.

Várias entidades officiaes teem auxiliado, com os seus informes o autor do livro, entre os quais se destacam a Repartição do Turismo e quasi todos os srs. administradores de concelhos do país, que teem enviado esclarecimentos sobre hotéis, etc.

Reorganização da policia

O Cidadão Guilhermino Alberto Rodrigues, Administrador do concelho de Guimarães:

Faz saber que, não se tendo apresentado concorrentes para todas as vagas existentes no corpo de policia civil, desta cidade, se acha, com autorização superior e em cumprimento do que dispõe a Portaria de 23 de Setembro de 1909, aberto novo concurso, pelo espaço de trinta dias, para o provimento de sete lugares de guardas do referido corpo de policia.

Os candidatos, para serem nomeados, deverão reunir as condições exigidas no art. 13.º do regulamento geral dos corpos de policia civil de 21 de Dezembro de 1876, e apresentar os seguintes documentos:

Certificado do registo criminal. Atestado de bom comportamento, passado pela autoridade administrativa.

Guimarães, Administração do Concelho, 12 de Junho de 1913. E eu Manuel de Freitas Aguiar, Secretário, o subscrevi.

Guilhermino Alberto Rodrigues.

EDITAL

António Justino Ferreira, inspector escolar do circulo de Guimarães:

Para conhecimento dos interessádos, faço saber o seguinte:

Os srs. professores das escolas officiaes e particulaes deste circulo escolar, que pretenderem propôr alunos para exame de instrução primaria do 1.º grau, devem apresentar na secretaria desta inspecção, até ao dia 25 do corrente mês de Junho, as relações desses alunos, com indicação do nome, filiação, idade, naturalidade, residência e tempo de escola de cada um. Estas relações devem conter tão sómente os nomes dos alunos da escola do proponente, que ainda não hajam completado 14 anos de idade; e, quando na mesma escola forem habilitados alunos de sexos diferentes deve ser apresentada uma relação por cada sexo.

Da mesma forma procederão os chefes de familia com respeito aos alunos que hajam recebido ensino domestico.

Os individuos fora da idade escolar, que pretendam fazer exame do 1.º grau, devem requerê-lo no mesmo prazo, apresentando na secretaria da inspecção o seu requerimento, que deve ser feito em papel comum e conter o nome, filiação, idade, naturalidade e residência do requerente.

Os individuos residentes neste circulo escolar, que pretendam fazer exame de instrução primaria do 2.º grau, devem requerê-lo a esta inspecção, entregando os requerimentos na respectiva secretaria, desde 15 a 30 do corrente.

Estes requerimentos são feitos em papel comum, devem conter a indicação do nome do requerente, idade, naturalidade, filiação e residência, e ser assignados também pela pessoa que leccionou o requerente, com a declaração de ser professor, pai, parente ou protector.

Os mesmos requerimentos devem ser instruidos com os seguintes documentos, sem o que não serão recebidos:

a) Certificado do exame do 1.º grau, feito pelo requerente;

b) Nota do pagamento da propina de 12500 réis effectuado na Tesouraria de Finanças (no verso dessa nota deve ser escripto o nome do requerente); ou, em substituição da propina, atestado de pobreza passado pelo regedor da freguesia, ou pelo presidente da junta de paróquia comprovativo de que o requerente é pobre.

O atestado de pobreza deve ser reconhecido por notário.

O prazo para a entrega dos documentos, do 2.º grau, termina em 30 do corrente as 4 horas da tarde e em 25, à mesma, hora para os de 1.º grau.

Os alunos de ensino particular só podem ser admitidos a exame do 1.º grau, sendo propostos por professores inscritos nos termos regulamentares; análogamente, só estes professores podem assignar os requerimentos dos candidatos ao exame do 2.º grau.

E' permitido requerer exame de 1.º e 2.º grau a todos os alunos que provarem ter 10 anos de idade. Neste caso, os requerentes dos dois exames prestarão também a certidão de idade, devidamente reconhecida por notário. Não se pede a admissão aos dois exames, no mesmo documento, mas em separado.

Guimarães e secretaria da inspecção escolar, 15 de Junho de 1913.

António Justino Ferreira.

Observações:—A secretaria da inspecção está instalada na rua Francisco Agra, no edificio onde funcionam as Escolas Centrais.

EDITAL

A Câmara Municipal deste Concelho de Guimarães

Faz saber que no dia 9 do próximo mês de Julho pelas 12 horas nos Paços do Concelho tem de arrematar-se em hasta pública pela segunda vez, com o aumento de cinco por cento da primitiva base de licitação a obra de reparação e melhoramento da canalisação da agua da fonte pública de Santa Marinha da Costa e de construção dum depósito.

Base de licitação primitiva 320:000 réis.

As condições estão patentes na Secretaria da Câmara para serem examinadas pelos interessádos.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos logares mais públicos.

Paços do Concelho de Guimarães, aos 18 de Junho de 1913. E eu, José Maria Gomes Alves, Secretário da Câmara, o subscrevi.

O PRESIDENTE,

Mariano da Rocha Felgueiras.



Consultório dentário

FRANCISCO JACINTO

Cirurgião dentista pela Universidade de Coimbra

Tratamento e conservação dos dentes, dentaduras artificiaes, coroas de ouro e dentes a pivot.

Extracção de dentes sem dor. Praça de D. Afonso Henriques, 6 (antigo Toural).

Instituto Médico-Dentário

Rua Formosa, 331 — PORTO

Dr. Gonçalo de Moura e Lopes da Silva

SUCURSAL EM Guimarães

LARGO DA MISERICÓRDIA, 4

CONSULTAS POR **LOPES DA SILVA** cirurgião-dentista, com 22 anos de prática em Consultórios Dentários da Europa e América. Ex-professor de Prothese Dentária do Instituto Dentário de Madrid.

A longa prática é garantida de boa execução de todos os trabalhos, sendo garantidos os seus resultados.

DENTADURAS COMPLETAS
(TRABALHOS AMERICANOS)

DENTADURAS SEM CHAPA
PLATINA E CIMENTO
DENTES A PIVOT
OPERAÇÕES SEM DOR

OBTURAÇÕES A OURO
COROAS DE OURO
LIMPEZA DOS DENTES

CONSULTAS todas as quartas-feiras, desde as 11 horas às 6 da tarde; e às quintas-feiras, desde as 9 às 4 da tarde.

DINHEIRO

Empresta-se sobre penhores na casa penhorista da Rua das Lamelas, n.º 39 a 41 (junto ao tribunal desta cidade), a juro barato. Seriedade e segredo.

O proprietário,
João Vellozo de Araujo.

Sapataria Vimaranense

—DE—

António José Mendes

5, Rua Dr. Avelino Germano, 9 (Antiga Rua de S. Paio)

GUIMARÃES

Nesta oficina faz-se e encontra-se um grande sortido de calçado, como: botas para homem, com solas de borracha, ditas de «estar-calf» para homem, em preto ou de côr, ditas de bezêrro, preto ou branco, ditas de «chevraux» preto para senhora e um enorme e variado sortido de calçado de luxo para criança, etc., etc.

Horário dos comboios

INDICAÇÕES:—Os comboios sem designação são mixtos. As horas entre parêntesis, precedidas de P. e C., designam, entre Guimarães e Trofa, as partidas e chegadas no Pôrto; e entre Guimarães e Fafe designam as partidas e chegadas em Fafe. O Percurso entre Vizela e Guimarães ou vice-versa, oscila entre 16 (comboio rápido) e 20 minutos (ordinário).

PARTIDAS

De Guimarães para a Trofa

- * 5,51—Diário. Liga, 20' depois, com o Pôrto (C. 8,56) e cruza, 1,17' depois, com o Minho (P. 7,44).
- 8,16—Idem.—Rápido. Liga, 14' depois, com o Pôrto (C. 10,30) e cruza, 16' depois, com Braga e Valença (P. 8,43).
- 10,49—Dias úteis. Liga, 36' depois, com o Pôrto (C. 13,22).
- 13,29—Diário. Liga, 1 h. depois, com o Pôrto (C. 16,39) e cruza, 11' depois, com Valença, Braga e Póvoa (P. 14,18).
- * 17,07—Idem.—Correio. Liga, 12' depois, com o Pôrto (C. 19,56); e cruza, 1 h. 19' depois, com Valença e Braga (P. 18,44); com o sul, de Campanhã, às 20,03.
- * 19,57—Dias úteis. Liga, 12' depois, com o Pôrto (C. 23,04).
- * 21,30—Domingos e dias feriados. Liga, 15' depois, com o Pôrto (C. 23,56).

Para Fafe

- 8,17—11,34, Correio.—9 e 17,52—Diários. (C. 9,13—12,28—e 18,47).
- 22—Dias úteis.—(C. 22,53).
- 10,17—e 21,36—Domingos e dias feriados. (C. 11,13—e 22,32).

CHEGADAS

Da Trofa a Guimarães

- * 8,07—Diário. Liga com o que, 44' antes, ali chega do Pôrto (P. 4,30).
- * 9,44—Dias úteis. Liga com o que ali chega do Pôrto (P. 7,26) e cruza ali, 32' antes da partida, com Valença, e Braga (C. 8,56).
- * 10,12—Domingos e dias feriados. Liga com o que, 11' antes, ali chega do Pôrto (P. 7,44).
- * 11,27—Diário.—Correio. Liga com o que, 12' antes, ali chega do Pôrto (P. 8,43) e cruza ali, 15' antes da partida, com o Minho e Póvoa (C. 10,30).
- * 17,44—Idem. Liga com o que, 1 h. 5' antes, ali chega do Pôrto (P. 14,18) e cruza ali, 16' antes da partida, com o Minho (C. 16,39).
- 19,14—Dias úteis.—Rápido. Liga com o que, 8' antes, ali chega do Pôrto (P. 17,10).

- 21,29—Domingos e dias feriados { Ligam com o que, 12' e 29' antes, ali chega do Pôrto (P. 18,44) e cruzam ali, 1 h. 19' e 1 h. 29' antes da partida, com o Minho (C. 19,56).
- * 21,51—Dias úteis.

De Fafe

- 5,43—8,08, Rápido—13,21—9 e 16,58—Diários. (4,50—7,15—12,28—e 16,05).
- 21,19—Domingos e dias feriados. (P. 20,23).

Apeadeiros

- * Paragem de 1' em Espinho, Madalena e Covas.
- 9 Idem na Madalena e Covas.
- Idem na Penha e Cepões.
- Idem em Cepões.

INSTITUTO DE "ASEPSIA,"

Laboratório de análises clínicas e de esterilizações

Sob a direcção técnica do analista Manuel Jesus de Sousa

50, R. da República, 54-1.º—GUIMARÃES

Análises de urinas, escarros, sangue, puz, leite, vinho, vinagre, queijo, manteiga, etc.
Preparação de empolas medicamentosas diversas, sôros em empolas vulgares e auto-injectoras, kefir, leite maternizado, etc.
Desinfecção de pensos e ferros cirúrgicos pelo método de Pasteur.

Livraria editora
GUIMARÃES & C.

Augusto I. da Cunha Guimarães

Colecção Horas de Leitura

Ultimos volumes publicados (a 200 réis):

22. A Dama das Camélias, de Dumas, filho (4.ª ed. ilustrada)—47. História de um beijo, de Eschrich (2.ª ed.)—73 e 74. A Obra, de Zola—75. Geneveva, de Lamartine—76. Um filho do povo, de Eschrich—77 e 78. O crime do padre Mouret, de Zola—79. Casamentos fidalgos, de Feuillet—18. O Rosquedo, de Delfim Guimarães (2.ª ed.)—80. Amor Trágico, de Abel Hermant—81. A Religiosa, de Diderot—82 a 84. Ana Karenine, de Tolstoi.—85 e 86. A besta humana, de Zola—87. O Pescador d'Islandia, de Loti—88. O Refúgio, de César Pôrto.

A Publicar:

Deus e o diabo, de Karr—Fromon, Jr., de Daudet.

Colecção Sociológica

(Ultimos volumes publicados (a 300 réis)

VJ. A dôr universal, de S. Faure—VII. O amor livre, de Carlos Albert—VIII. O sindicalismo, de H. Leone—IX. A sociedade futura, de J. Grave—X. Palavras dum revoltado, de P. Kropotkine—XI. O capital, de Carlos Marx—XII. Psicologia do militar profissional, de Hamon—XIII. A caminho da união livre, de Naquet.

A sair:

Como falava Zaratustra, de Nietzsche—A grande revolução, de Kropotkine.

Colecção Vitor Hugo

Volumes publicados (a 200 rs. brochados e 320 rs. encadernados)

1 e 2. Os homens do mar—3 a 5. O homem que ri—6 a 13. Os miseráveis 14 e 15. Noventa e três—16 a 18—N.ª Sn.ª de Paris.

A sair:

Bug Jargal—Han-d'Islandia.

Colecção Alegre

Ultimos volumes publicados (a 300 réis

IV. Histórias garotas, de A. Silvestre—V. Amores e aventuras, de Casanova—VI. Diabruras da mãe Eva, de A. Silvestre—VII. Monstros parisienses, de Catulo Mendês—VIII e IX. Amores de Fabulas.

A PRODUTORA VIMARANENSE

Sociedade Cooperativa das Quatro Artes de Construção Civil—Responsabilidade Limitada

Rua 31 de Janeiro—GUIMARÃES

Esta sociedade operária encarrega-se da execução de quaisquer trabalhos concernentes às artes de pedreiro, carpinteiro, caiador e pintor, para os quais dispõe de pessoal habilitadissimo, como na prática se há demonstrado, resultando desta circunstância e da seriedade nos diversos trabalhos, grande economia para os Snrs. proprietários das obras, atendendo às vantagens de que gosam as Sociedades Cooperativas.

Na sua oficina executam-se quaisquer trabalhos avulsos e a preços módicos.

INTERESSES NO BRAZIL

O Escritório de Direito Internacional, à rua do Hespício n.º 79—Rio de Janeiro—, dirigido pelo dr. Carmo Braga, formado pela Universidade de Coimbra, com longa prática

de advocacia em Portugal e no Brazil, advogado do Banco Aliança do Pôrto, da Beneficência Portuguesa e da Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, trata especialmente de todas as questões relativas a Direitos e interesses de portugueses no Brazil, inventários, habilitações, partilhas, execução de testamentos, providências para evitar a arrecadação judicial de bens e heranças de ausentes, etc. Também aceita procurações para administração de bens no Rio de Janeiro, cobrança de alugueis, rendas, juros dividendos, compra, venda e hipoteca de prédios, averbamento de papéis de crédito, transferências, etc.

Escritório Filial no Pôrto, dirigido pelo solicitador sr. João Fernandes Amaral,—rua da Fábrica, 78. Para referências em Guimarães—com os srs. Fernandes & Cruz, e com os advogados drs. António do Amaral e João Rocha dos Santos.

ALVORADA

SEMANARIO REPUBLICANO

Preço da assinatura		Preço das publicações	
Ano	1\$200 rs.	Anuncios e comunicados, por linha	40 rs.
Semestre	600 "	Repetição, por linha	20 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$500 "	Permanentes, contracto convencional.	
Número avulso	30 "	Anuncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

ALVORADA

Ao Cidadão